

RELATO DE EXPERIÊNCIA

De “EPIDEMIA PRATA” à “CENA OURO”: a experiência do território em cima do palco

From the “SILVER EPIDEMIC” to the “GOLD SCENE.” The experience of the territory on stage

Verônica Gentilin¹

Resumo

Relato de Verônica Gentilin, integrante da Cia. Mungunzá de Teatro, que traz a experiência da companhia dentro do Teatro de Contêiner, espaço sociocultural concebido e construído pela Cia. Mungunzá em 2017. Como a residência artística desses integrantes dentro do território da Cracolândia, contribuiu para uma reflexão sobre o papel da arte e da cultura em um território em conflito. Imersa nesse território, e tecendo relações com o entorno, a Cia. Mungunzá concebeu e criou em 2018 o espetáculo “Epidemia Prata”, que falava sobre sua atuação no território e sobre a sensação de impotência diante da realidade opressora do Estado. Cinco anos depois, a Cia. convida artistas do território, com histórico de vulnerabilização social, uso de crack, situação de rua e de cárcere, para integrarem o espetáculo. Nasce um novo espetáculo chamado “Cena Ouro”. O texto aborda a transição de um espetáculo para o outro e como foi o processo de incluir pessoas do território em sua pesquisa artística. Mais do que isso, o texto intenta friccionar a teoria e prática, numa análise autocrítica sobre o olhar distanciado do artista e do acadêmico perante suas narrativas e seu objeto de estudo.

Palavras-chave: Teatro, Arte, Cracolândia Paulistana.

No dia quatro de outubro de 2017, nós (Cia. Mungunzá de Teatro) estávamos dentro da nossa sede, o Teatro de Contêiner Mungunzá, localizado na região central de São Paulo, próximo à Cracolândia. Nós estávamos participando, como ouvintes, de um debate sobre drogas, saúde pública e urbanismo. Na mesa havia pesquisadores e acadêmicos da Colômbia e do Brasil, referência nesses temas. A plateia estava aberta a pessoas interessadas no estudo de temas como a política de redução de danos, pessoas vivendo em situação de rua, gentrificação, políticas públicas para

Abstract

Report by Verônica Gentilin, member of Cia. Mungunzá de Teatro. This report brings the experience of Cia. Mungunzá de Teatro within the Container Theatre, a sociocultural space designed and built by Cia. Mungunzá in 2017. As the artistic residency of these members within the territory known as Cracolândia, in São Paulo, it has contributed to a reflection on the role of art and culture within a territory in conflict. Immersed in this territory, and forming relationships with the surrounding area, Cia. Mungunzá conceived and created the performance “Epidemia Prata” (“Silver Epidemic”) in 2018, which discussed its activities in the territory and the feeling of impotence in the face of the oppressive reality of the state. Five years later, the Company invited artists from the territory, with a history of social vulnerability, crack cocaine use, homelessness, and prison, to take part in the spectacle. A new performance called “Cena Ouro” (“Gold Scene”) was then born. Its text addresses the transition from one performance to the other and what the process was like to include people from the territory in your artistic research. More than that, the text sought to bring together theory and practice, in a self-critical analysis of the artist’s and academic’s distant view of their narratives and their object of study.

Keywords: Theatre, Art, Cracolândia Paulistana.

moradia e uso de drogas. E todo o contexto do fluxo e da Cracolândia. Era um debate com um formato palco e plateia, com apresentação de powerpoint e uma mesa com comes e bebes para os participantes do evento.

Foi quando Elza entrou. Uma usuária do fluxo. Radiada. Cheirando mal. Não articulando as palavras. Ela entrou, se posicionou no centro do palco, bem na frente dos palestrantes, e simplesmente estendeu a mão. Como uma pintura. Era uma pintura que tomava todo o quadro. Com a mão estendida, ela foi passando de pessoa em pessoa da plateia. Pedindo dinheiro, pedindo cigarro, pedindo coxinha, pedindo água, pedindo, à sua maneira, atenção. O público se “compadeceu” (ou

¹ Verônica Gentilin (ciamungunza@gmail.com) é atriz, escritora e uma das fundadoras do teatro de Contêiner Mungunzá.

entendeu que, por mais incômoda que fosse a presença dela naquele recinto, o tema do debate e as “becas” sustentadas por todos ali não permitiam qualquer outra ação que não fosse dar o que Elza pedia. E, se possível, com aquela forçada amabilidade. E foi feito isso. Uma. Duas. Três. Quatro. Dez. Onze vezes. Enquanto Elza “causava” na plateia, a palestra (e os palestrantes) seguiam como se nada estivesse acontecendo. Continuavam a falar de pessoas que viviam exatamente como Elza, e como nós deveríamos, enquanto cidadãos, lidar com essas pessoas (embora, como palestrantes e ouvintes, ninguém tivesse condições de agir segundo os princípios que estavam dispostos a seguir pela ética aprendida dentro dos muros de uma faculdade).

Tudo termina com Elza sendo expulsa do recinto, com certa agressividade, pelas próprias pessoas que organizaram esse evento (das quais nós fazíamos parte) para justamente discutir a situação DAS PESSOAS como Elza.

Esse evento foi marcante demais para nós, enquanto seres humanos, enquanto cidadãos, enquanto artistas, enquanto gestores de um espaço público naquele contexto. Pois nos colocou frente a frente com o nosso fracasso. Com nossa inoperância. Com nossa hipocrisia. Com o fato de toda boa vontade ser testada até o limite do seu verniz. Ali, todos nós, chegamos ao limite do nosso verniz. Descascamos e agimos da forma como teríamos julgado severamente essa atitude em outra pessoa. Em outro local. Fora dali.

Nós, que estávamos no processo de criação de um novo espetáculo, levamos esse evento como mote disparador de uma série de pontos nevrálgicos que, sentíamos, precisavam ser expostos. Pontos nevrálgicos relativos ao papel da arte, da academia, da cultura aprendida e da ética criada dentro dos muros das instituições que assistem ao mundo pelo lado de fora e elaboram teorias de como corrigir esse “mundo”. Faltou apenas a aula prática disso tudo. E foi nesse buraco, nesse vão, entre artistas intelectuais bem intencionados pelo saber adquirido, e a vida prática, do lado de fora, onde a lida é outra. Onde o assunto da apostila vira carne. Com osso, tendões, sangue e cheiro. Foi nesse buraco que entramos com a nossa pesquisa dispostos

a expor não o nosso fracasso, mas o fracasso de um sistema que distancia o “objeto de cuidado” de seu “cuidador”, o objeto de estudo de seu pesquisador.

Desse misto de indignação e sensação de impotência, nasceu em 2018 o espetáculo “Epidemia Prata”, no qual a Cia. Mungunzá de Teatro, composta por integrantes brancos, de classe média, cisgêneros e heterossexuais, decide falar sobre o “fluxo”, sobre a Cracolândia. Decide usar o seu lugar de fala, de quem vê de fora, para falar sobre sua relação com aqueles que vivem de dentro. Decide, na impossibilidade de dar voz às Elzas reais, emprestar sua voz à Elza. Na impossibilidade de convidar as Elzas reais a subirem novamente nesse palco e darem seus recados por si mesmas, decide falar sobre Elza em cima desse mesmo palco.

O espetáculo começava e finalizava com essa indignação. Sua dramaturgia foi toda construída com base em fragmentos de relatos pessoais nossos a partir da relação que tecemos com o território e, principalmente, com as pessoas em situação de rua, de uso de crack e vulnerabilizadas, dentro daquele território. O que fizemos foi não falar propriamente delas, mas de como nossa relação com elas e com o território nos afetavam. Nós falamos de como fomos afetados pelo território. E, conseqüentemente, nossa pesquisa artística também foi afetada. O espetáculo era uma autocrítica ao nosso comportamento distanciado dentro de nossa bolha socioeconômica, mas também uma crítica ao sistema do capital, à essa engrenagem que transforma – todos nós – em porcas e parafusos. E nos dá a ilusão de que estamos no controle. O espetáculo foi construído em sua estética, iluminação, dramaturgia, música e performance, para ser duro, frio, sarcástico, rígido. Nós não podíamos correr o mínimo risco de romantizar a vida dessas pessoas, romantizar a miséria, de cair nesse fetiche que tanto custa ao nosso país.

O espetáculo fez várias temporadas, circulou pelo Brasil, abriu um festival na Índia, fez parceria com o programa Consultório na rua e CAPS, sendo apresentado para pessoas atendidas por esses programas e para os seus profissionais de saúde.

A partir desse trabalho nossa relação com o território foi se ressignificando e ganhando novas cores.



Epidemia Prata, da Cia. Mungunzá de Teatro, com direção de Georgette Fadel. Sesc 24 de Maio/2018.

Foto: Luca Meola.

Começamos a nos aproximar de coletivos que tinham um trabalho social voltado para a política de redução de danos. Com a pandemia, em 2020, o Teatro de Contêiner Mungunzá fechou as portas para a programação artística e abriu as portas para ações sociais como entregas de marmitas, kits de higiene e cobertores. O terreno que ocupamos recebeu novos parceiros. Com a parceria de instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais, conseguimos fundos para manter as atividades sociais durante a pandemia e encubar coletivos que já eram parceiros. Foi naquele momento em que as sedes do Coletivo Tem Sentimento e da Birico foram abertas dentro do mesmo terreno que o Teatro. Outros corpos (pretos, transgêneros, vulnerabilizados) começaram a circular dentro do espaço com senso de pertencimento, e produzindo arte e cultura. Dessa forma, fomos nos aproximando de artistas que produziam sua arte dentro do fluxo ou a partir dele.

Em 2023, cinco anos depois da estreia de “Epidemia Prata”, à convite do SESC e do Museu da Língua Portuguesa, fomos encorajados a fazer um trabalho para apresentar no Festival Pop Rua. E decidimos revisitar esse espetáculo, trazendo pra dentro dele aquilo que faltava: a Elza. Ou melhor, as Elzas. “Elza” como metáfora de pessoas que têm a experiência de vida dentro do fluxo, que passaram por situações de cárcere, uso de crack, racismo, transfobia. Pessoas com uma experiência entranhada ao território, pessoas que constituem este esse território pelo lado de dentro, enquanto nós somos aquelas pessoas que estudam, vivenciam esse território pelo lado de fora (mesmo trabalhando dentro dele).

Em agosto de 2023, estreamos o espetáculo “Cena Ouro - Epide(R)mia”. Um espetáculo que transforma a epidemia em epidermia, que troca o contágio pelo contato. Que transforma o prata em ouro, o frio em quente, o duro em mole. Que troca a dureza do olhar

autocrítico de artistas de classe média tentando lidar com a própria impotência diante do território, para o encontro real com as pessoas desse território. Estigmas de miséria deram lugar a um real encontro com histórias que, antes, em Epidemia Prata, não puderam correr o risco de ser romantizadas por aqueles que não a viveram. Esse encontro nos possibilitou a visão do “humano” por trás daquilo que nossa visão de classe média recorta como “miséria”, e resignificou o olhar. Reconhecendo belezas, alegrias e superações, sem romantizá-las.

Na pele das “Elzas”, mcs, artistas visuais, poetas, artistas circenses e cantores com experiências que transitam entre arte e a vida dentro do território, recortados pelo histórico de vulnerabilização social, sobem ao palco e legitimam um outro lugar de fala.

Em “Epidemia Prata”, nossa escolha estética era desumanizar, à nós e aos outros, como forma de atravessar a plateia pelo choque. Em “Cena Ouro”, a escolha estética e dramaturgic foi humanizar, a nós e aos outros, como forma de atravessar a plateia pelo toque. Em um, a representação que se sabia equivocada como forma desesperada de dizer algo urgente, na ausência do “representade”. Em outro, o representado versus a representação.

Em “Epidemia Prata”, a dureza, o cinismo, o escárnio, a representação poética e cruel de uma realidade por artistas/agentes externos imersos nela. A FRICÇÃO entre artistas e território. Em “Cena Ouro”, o tato, a delicadeza, o humor, o quente, a também representação, mas partilhada entre artistas/agentes externos e internos imersos nela. A FUSÃO entre artistas e território.

O fio narrativo continua de um espetáculo para o outro como num salto quântico de compreensão.

Assistir “Epidemia Prata” é compreender aquele que vê de fora.

Assistir “Cena Ouro”¹¹ é compreender aquele que vive de dentro.

Assistir ao segundo, tendo visto o primeiro, é compreender o vão entre o que se vê e o que se vive.

E a essa experiência de compreensão chamamos: empatia.

Esse foi um breve relato da maior experiência que tivemos no território da Cracolândia, a partir da

nossa residência no Teatro de Contêiner. A experiência materializada em arte, que é nossa forma de expressão, resultante nesses dois espetáculos “opostos e complementares”, que traduzem nosso processo de interlocução contínua no território. E quanto mais lá estivermos, outros desdobramentos virão.

Na sequência, relatos e poemas dos artistas da Cia. Mungunzá de Teatro (e também idealizadores e construtores do Teatro de Contêiner) durante o processo de ensaios do espetáculo “Epidemia Prata”. Alguns desses textos foram para o espetáculo, outros, não. E, depois desses, seguem relatos de artistas do território, convidados para integrarem o espetáculo “Cena Ouro”, com suas experiências de vulnerabilização social dentro e fora do território.

Esses dois blocos de relatos, “Epidemia Prata” e “Cena Ouro”, traduzem a legitimidade da experiência de impacto do território, seja por aqueles que “vêm de fora” ou por aqueles que “vivem de dentro”. Em ambos os casos, todos ocupam seus lugares reais de fala.

E, ao final, a última cena, icônica, em ambos espetáculos. Degustem!

Verônica Gentilin - Cia. Mungunzá de Teatro

Poemas / Relatos ¹¹

Ladainha

(Quando Elza – radiada, usurpada, esquecida e invisível – entrou no meio de um debate que falava sobre pessoas que viviam na situação dela. Aquele dia – Elza encarnou o assunto de todos os acadêmicos dispostos a mudar o mundo. E...)

Ninguém soube o que fazer.

Não por má vontade. Não por ignorância.

Ninguém soube o que fazer.

Não por preconceito, não por constrangimento.

Ninguém soube o que fazer.

Não porque estivessem assustados. Não porque estivessem surpresos.

¹¹ Os poemas são textos criados durante os ensaios de “Epidemia Prata”. Os relatos são histórias contadas pelos artistas da Mungunzá e pelos artistas do território (convidados pela Mungunzá para integrarem este trabalho), durante os ensaios de “Cena Ouro”.



Espectáculo "Cena Ouro" - Epide(r)mia, da Cia. Mungunzá de Teatro, direção de Cris Rocha, Tânia Granussi e Georgette Fadel. Teatro de Contêiner Mungunzá/2023.

Foto: Letícia Godoy.

Ninguém soube o que fazer.

Não porque não ouviam. Ou não viam, ou não se importavam. Ou porque não sabiam.

Ninguém soube o que fazer, mesmo sabendo.

Mesmo estudando. Mesmo se interessando. Mesmo defendendo. Mesmo se comovendo. Mesmo feridos.

Ninguém soube o que fazer.

Não pelo absurdo da situação. Não porque não quissem ou não pudessem. Ou não compreendessem ou não confiassem.

Ninguém soube o que fazer, mesmo sabendo.

Mesmo estudando há anos, ninguém soube o que fazer quando o assunto encarnou e virou uma pessoa. Uma pessoa te olhando. Sendo o seu assunto.

Ninguém soube o que fazer.

Não porque não tinha o que fazer. Sempre teve. Mas porque estudamos demais. Fomos complexos demais. Abstratos demais. Pouco urgentes.

Ela estava ali e tinha um nome: Elza.

E ninguém sabe o que fazer quando o assunto tem nome.

Agora todos os usuários da região se chamavam Elza e estavam ali com a mão estendida.

Não. Naquele momento ela não queria ser estudada. Ela, nela mesma, ali naquele momento, não precisava disso. Nós é quem precisávamos, desesperadamente, estudar pra sanar alguma coisa.

Ela, ela mesma, queria uma coxinha.

(Verônica Gentilin)

Cabresto

Quando a liberdade se anuncia,
comandante puxa cabresto
pra sabê que tamo amarrado ainda

mas você, comandante, provável não sabia,

que enquanto cê tava parado num ponto,
olhando caminhada minha,
muita caminhada minha tinha

E esse mundão você desconhece,
porque nós aqui não cabe de um lado só,
reconhece

nóis caminha em toda direção

Se dá 1, nós faz 2

Se tem 2, nós faz 4

se tem pão, não vai faltar pra ninguém,
meu irmão.

Nóis é que nem internet,

que nem Jesus Cristo,
aperta o botão, e replica, tio.

Nóis é que nem a Hidra, rabo de lagartixa.

Se corta, cresce de novo, outro multiplica.

Aqui é o fluxo.

O cu e o umbigo do mundo.

onde tudo começa,

onde tudo termina".

(Lucas Bêda)

Medusa (versão original)

Vocês pensam o quê? Que eu nasci assim? Com essa roupa, essa cara? Pensam que eu cheguei pronto no mundo? Já nasci com o cachimbo colado na boca, o diploma colado na mão, com a cara rasgada? Que já nasci com aids? Que eu já nasci doutor? Que eu já nasci com esse cobertor e esse colchão embaixo do braço e um pedaço de calçada colado nele?

Vocês passam e – quando me olham – eu sou a sua estátua. A sua obra-prima. Porque nasci pronto. Não tenho história. Nem passado nem futuro. Eu sou essa forma mesma que você vê.

A última versão da gente cola na gente, de uma forma que a gente vira isso pra sempre. Ser uma estátua não é congelar o corpo. É congelar a história. Congelar uma parte do seu caminho. Você é aquilo que alguém vê quando te cruza por um segundo. E só.

Você, minha medusa querida. Você se torna minha medusa, quando me olha e eu sou isso pra sempre. Quando você me olha e me teme pela minha última forma, eu viro sua estátua do craqueiro que vai roubar o seu celular. Quando você me olha pela minha última forma e me inveja, eu sou sua estátua de blogueira fitness, que viaja o mundo e tira foto pra você só curtir. Quando você me olha pela minha última forma e me despreza, eu sou a sua estátua do prefeito escroto que quer dar razão pra gente. Quando você me olha pela minha última forma e se revolta, eu sou a sua estátua do policial que abusa do poder e manda você apagar o vídeo que fez, comprovando meu abuso. Tem muitas estátuas andando por aí. Para cada medusa, uma estátua. Tem morador de rua, tem parque de lata, tem dona que chega no volvo branco, tem homem sujo catando lata, tem atendente insensível no redenção, tem senador bandido.

De quem você é medusa? Quem você congela quando olha e priva a estátua de sua história? Que estátua você é, e pra quem? A mãe que nasceu com o tupperware cheio de arroz? A avó que nasceu de saia e com a bíblia na mão? O menino que nasceu de óculos?

Então sim, eu sou a sua estátua. Pode me olhar e admirar a obra-prima. Você quem fez. Olha, me olha mesmo. Olha até cansar. Olha, porque quem sabe assim, eu dou um jeito de entrar em você. Olha, mas olha aqui dentro do meu olho. Olha, que é pra pegar. Ninguém é imune ao brilho do olho. Se demorar um pouco mais aqui dentro, você vai pegar. Eu vou te contagiar de alma. De mim. Quem sabe assim, eu te alcanço. E nesse enlace, o feitiço se quebre e eu não seja estátua, nem você medusa. Apenas dois seres humanos se olhando.

O câncer da alma é quando uma estátua e uma medusa, bem próximas, não se alcançam.

Sim, somos todos estátuas e medusas, uns dos outros.

Então, pra movimentar o mundo, apelem para o contágio.

É por isso que eu me pinto de prata. Pra te contagiar de mim.

Deus abençoe essa epidemia.

(Verônica Gentilin)

“O professor, um cara que tinha uma barraca de livros no meio da Cracolândia. A banca dele era um espaço de leitura, venda e troca de livros. No meio de uma ação policial, o rapa veio e levou todos os 64 livros do professor. Ele ficou indignado. Meteu as caras, foi pra Paulista, entrou na Fnac, começou a ler um livro e, na hora de ir embora, colocou embaixo de braço e levou com ele. O professor foi preso por roubar um livro. E o Estado, que roubou 64 livros do professor? Depois eu fiquei sabendo que no julgamento do professor a primeira coisa que perguntaram para ele foi: “Senhor Cleiton Ferreira, você acha que vale a pena ser preso por roubar UM livro?”. E o professor, que está aqui ao meu lado agora, vai falar pra vocês o que ele disse pro juiz:”

(Leo Akio)

“Em resposta, eu olhei bem no olho do juiz. Na bolinha. Respondi a ele: “sim, se estou sendo preso por causa de um livro, que assim seja, pois só tendo acesso à cultura, saberei quais são os meus direitos”. O juiz ficou travado. Em resposta, ele me diz a mesma coisa que os 32 homens que dividiram o cárcere comigo disseram: “aproveita a tua liberdade e faça a diferença lá fora”. Anos depois, estou aqui, hoje, pra contar a história deste livro, que foi onde minha história começou. Hoje, a Fnac da Avenida Paulista já não existe mais. Mas eu existo. Estou atuando junto com a Cia. Mungunzá – sou ator; sobrevivente do cárcere, sobrevivente das ruas – do fluxo; pesquisador da Universidade Federal de São Paulo, redutor de danos do Centro de Convivência É de Lei, e estarei, este ano, em Brasília como delegado de saúde mental para a construção de melhorias para o SUS e os CAPS. A Cena é Ouro!”

(Cleiton Ferreira - Dentinho)

“Histórias são contadas, fatos relatados. Pensando nisso, eu lembro do dia que eu saí da cadeia. Meu parceiro Gustavo veio em mim e falou ‘E aí Bala, agora que você tá no mundão, onde você quer fazer show, parceiro?’ Falei ‘Caraio Pai, agora que eu tô no mundão, eu quero fazer show lá na cadeia, tá ligado!’ Aí ele olhou pra mim, deu risada e falou ‘Sério, bichão?’ Falei ‘Sério,

cachorro!’. Passou um tempo, a gente conseguiu autorização. Fomos fazer o show na cadeia: equipamento de som, câmera, tinha até câmera analógica. O bagulho foi acontecendo, os cara montando as parada. E aí veio um véinho em mim. Sabe, aqueles pai-véio que você fala ‘Esses aí é respeito’. Já mantive a postura. Ele chegou e disse ‘E aí, negão. Qual é a fita, mano? Esses baguio aí, caixa de som, câmera. Não tá da hora’. Falei ‘não, acalmou, véinho. Meu nome é Nego Bala. Satisfação. Sou lá da Cracolândia, Boca-do-Lixo. Tirei uns dia, e agora que eu tô em liberdade, eu vim trazer um som prá vocês – que eu sou MC também, tá ligado’. Ele ‘Mentira. Para. Sério que você é MC?’ Eu, ‘sério, véinho’. Ele ‘cê tava preso?’. ‘Tava’. ‘E voltou?’. ‘Voltei’. ‘Nossa, moleque, você é foda. Vou passar um salve adiante pros cara lá, que tão todo bolado com essa caminhada’. Fiz o show – momento histórico na minha carreira – no dia tava sol pra caraio. Nós torrô, fritô as tecnicas, mas valeu à pena. E no final a gente trocô umas ideia. Eu olhei pra rapaziada. Fez um silêncio. Eu falei ‘e aí família, eu tenho uma parada prá passar pra vocês. É o seguinte: eu tô armado’. Peguei e saquei do livro. Aí os parceiro ‘ufa, tá maluco?’ Falei do pouco que eu tinha conquistado na rua, como artista, e pedi pros parceiro não desistir, às vezes quando a gente tá no cárcere, a gente pensa em desistir. E recomendei um livro pros parceiro. Um livro que me chamou muito a atenção porque a capa era verde, tá ligado? Comecei a falar das ideia do livro, do autor Paulo Freire – bell hooks fala muito dele – e uma parada que me chamou muito a atenção ‘quem melhor que o oprimido para entender o mecanismo de uma sociedade opressora’. Falei ‘caraio, esse livro é pra mim!’ Lendo o livro e trombando os acadêmicos – a rapaziadinha que que tem uma moeda e consegue fazer academia – e vi que esse livro não acessava na mente dessas pessoas como ele acessava na minha vivência. E eu pensava ‘não é possível. Vou ter que trazer prá perto’, como tantos outros livros. E eu passei esse papo pros parceiro. O véinho veio em mim e falou ‘Mas e aí, Bala. E esse livro aí, mano?’. Falei ‘Esse livro vocês acha no mundão, e tchan’. Eu era mó pegadão no livro, tinha anotado uns bagulho... Eu não queria abrir mão, mas o véinho perguntou de novo ‘Mas esse livro aí, mano? Qual

que é, e pá? Não dá pra você deixar ele não?'. Aí nesse instante eu me aproximei do véinho e falei 'tó, véinho, pode pegá. Pega memo'. O véinho pegou. Eu segurei, ele segurou. Eu não sei qual era a fita, mas eu falei 'Leva'. E não conseguia soltar. Não sabia se, no mundão, eu ia encontrar um livro como esse... Falei 'Pode pegá véinho, faça bom proveito'. E o véio falou 'Pode soltar, então!'. E disse 'então beleza. É isso memo. Satisfação véinho. Que você faça uma boa leitura'. Quando eu soltei o livro, já tinha uma sequência montada. O véinho levantou o livro e falou 'caraio, o Bala soltou o livro. Quem tava na sequência memo?'”

(Mc Nego Bala)

“Meu nome é Aline, sou conhecida como MC Docinho aqui no território. Eu vou falar um pouquinho, estou desde 2014 aqui no território, comecei com o Coletivo Tem Sentimento. Sou preta. Sou mãe. E sou periférica. Vou falar um pouquinho da experiência do meu corpo aqui, no território. Um certo dia, a gente ia fazer entrega de marmitas num evento aqui no Teatro, com umas manas trans do Coletivo. Quando eu estava atravessando a rua, quando me deparei, eu estava abordada por quatro policiais homens. Ali, na calçada do Clóvis. Eles me pararam e disseram: 'Você acha bonito mostrar dedo para a polícia?'. Como eu falei, eu vim fazer um projeto aqui de entrega de marmitas. Então eu estava com uma caixa de som, muitas folhas, uma bolsa de mulher (cabe tudo na minha bolsa, até geladeira), pesada. Como eu ia mostrar o dedo para a polícia? Ali eu já estava presa pela primeira vez. Uma mana trans grita aqui de dentro, lá de cima: 'Uma mana preta sendo abordada por quatro policiais homens!'. Os policiais me prenderam de novo pelo grito dela, pela segunda vez. Resolveram me levar para a delegacia: 'Você acha bonito mostrar dedo para a polícia?'. 'Como se mostra o dedo?'. Terceira vez. Quando eu cheguei na delegacia, uma delegada quatro por quatro me encarou e repetiu: 'você acha bonito mostrar dedo para a polícia?'. Quarta. Quando o advogado chegou, começou a discutir com a delegada e eu então fui presa pela quinta vez pela discussão. Nesse dia, eu fui presa

dez vezes. Num único dia. Mas eu não fiquei presa, eu fui 'absorvida'!”

(Mc Docinho)

“Foi um tiro! Aqui, a gente toma tiro por todos os lados! A história do Dentinho, da Docinho, do Nego Bala... Foi um tiro, uma espécie de invasão, bem no meio do peito. Aqui, a gente, as coisas se invadem o tempo todo, porque o afeto é uma espada que atravessa o coração em cheio. Fernando. Fernando mora na calçada, ele é usuário de crack, inteligente, culto, gosta de ler, tem ideia pra trocar, consegue dialogar com você. Agora, ele descobriu que está com aids. Chegou pra gente, chorou, falou que estava com medo, mas que ele não ia se tratar, porque, nas palavras dele, ele é vida louca igual Cazuzá. Mas aí ele me pediu um livro, uns textos sobre a doença, porque ele queria ler para saber o que tem dentro do corpo dele. Danilo. Danilo morava naquela calçada. Uma noite Danilo tomou um pau, pediu para ser acolhido, aí o Lucas (meu companheiro) e eu levamos ele para nossa casa, para tomar um banho, comer alguma coisa e dormir. No dia seguinte, Danilo chega em mim e dispara: 'Vem cá, você já apanhou muito, mas assim de sair sangue?' Eu falei: 'Nunca'. Ele: 'Eu já. Quando a gente apanha desse jeito, a nossa autoestima fica lá embaixo. Ontem, quando eu tomei banho na sua casa, a minha autoestima subiu. Olha, me desculpa pelo meu chulé'. Ele olha pra mim, diz que sente falta de planta na minha casa, me dá dois vasos, uma pá e um pratinho, em forma de coração, pra eu plantar. Hoje, o Danilo virou brisa. Danilo sumiu com 500 reais do fluxo. E no fluxo, você não paga 500 reais em dinheiro, você paga com a vida. Eu prefiro acreditar que isso que ele tá fazendo, não é um suicídio. Hoje, eu não sei se o Danilo tá vivo ou se está morto. Assim como eu também não sei, quando vejo uma pessoa deitada na calçada, se essa pessoa tá viva ou se está morta. Assim como eu também não sei, se enquanto eu estendo meus braços pra tentar dar conta disso tudo, se eu estou viva ou se estou morta. E que, não importa quantos braços eu tenha, nem pra onde eu estenda, a sensação que eu tenho é que eu não consigo sair do lugar.”

(Verônica Gentilin)

Cena final do espetáculo “Cena Ouro”

Verônica, atriz da Cia. Mungunzá, que representa a Elza, está deitada sobre a tampa do bueiro, onde Lucas está pisando e cantando.

Verônica como Elza: Psiu. Você tá me vendo aqui? Eu tô com a cabeça embaixo do seu pé. Cuidado pra não pisar em mim. Você está me ouvindo? Eu tô tentando falar com vocês, desde que isso tudo começou. Enquanto vocês estão aí falando de mim, eu tô tentando me comunicar com vocês. Eu tô falando com vocês, desde que isso tudo começou, mas parece que vocês estão muito ocupados fazendo isso tudo que vocês estão fazendo aqui.

Meninos levantam Verônica, e começam a arrumá-la. Eles a colocam em pé, sobre a tampa do bueiro e começam a vesti-la como a Elza. A Elza ideal da representação teatral. Tiram seu top, colocam um sutiã feito com duas marmitas de alumínio, colocam um enfeite de flor em seu cabelo, uma saia feita com diversos tecidos de guarda-chuvas, mangas feitas de marmitas de alumínio e a colocam na posição da Elza, como no começo da peça: mão estendida.

Verônica como Elza: O que vocês tão fazendo? Pra quê tudo isso? Pra quê tudo isso, se vocês não estão me ouvindo? O que adianta montar esse circo todo, se vocês não tão me vendo? Se vocês não estão me ouvindo? Pára! Tá errado! Não é assim! Não é bonito. Não é alegre. Não é poético. Não tem música. Não tem luz. Não tem florzinha no meu cabelo, não tem foco na minha pessoa, não tem beleza na minha miséria. Não tem que tirar foto do meu lixo e nem falar disso assim! Eu não falaria isso que está sendo dito! Isso não era nem pra ser assunto! Eu não era pra ser assunto de vocês!

Meninos erguem essa representação de Elza sobre a tampa do bueiro. Verônica está em cima do bueiro dando o texto como a representação equívoca de Elza. Daneé, artista convidada, e também representação de Elza, entra em cena e repete esse texto para a Verônica. Tenta chamar a atenção de Verônica.

Daneé como Elza: O que vocês tão fazendo? Pra quê tudo isso? Pra quê tudo isso, se vocês não estão me ouvindo? O que adianta montar esse circo todo, se vocês não tão me vendo? Se vocês não estão me ouvindo? Pára! Tá errado! Não é assim! Não tem essa luz, desliga essa luz! Abre essa persiana pra todo mundo ver como é lá fora! Não é bonito. Não é alegre. Não é poético. EU não falaria isso que está sendo dito! Isso não era nem pra ser assunto! EU não era pra ser assunto de vocês! Eu não sou um rato. Embora seja por essa forma, que eu consiga me comunicar com vocês. Eu também não sou um grunhido. Embora seja, com esse som, que eu consiga chegar até vocês! Eu não sou essa que pede bebida, coxinha, cigarro, conversa, calcinha, cueca, brinco, pulseira, relógio, água! Embora seja dessa forma que eu consiga ter algo de vocês. Eu não sou a música alegre depois da chuva, eu não sou o medo da aids, eu não sou os presentes que eu te dou, eu não sou o chulé, pelo qual eu me desculpo depois de tirar o meu tênis, na sua casa. E embora tudo isso te pareça digno, não é. A dignidade não mora na forma como você fala de mim. Eu não estou num corpo vazio. Eu não sou um zumbi. Eu não decidi isso. Eu não decidi isso sozinha. Eu sei que você tenta me amar, quando fala de mim e isso é digno. Mas eu não posso ser o seu assunto pra sempre, porque eu também devo falar. Eu também devo falar de mim. Eu falo de mim, quando importuno você no metrô. Eu falo de mim, quando importuno você na lanchonete. Eu falo de mim, quando importuno você num semáforo. Quando você tenta conversar comigo e eu não tenho escuta, eu estou falando de mim. Quando estou sendo chata, louca, sacal, repetitiva, entediante, sem bom senso, eu estou falando de mim. Eu tô falando de mim, o tempo todo! Por que é que tem mais peso quando você fala de mim, do que quando eu tento falar de mim? Cheiro mal. Tenho bolhas nos pés. Cheiro mijo, cachaça, suor, cigarro. Eu cheiro bosta. Eu chego, com o todo o meu cheiro, e tento falar de mim. E você me escuta, por educação. Você me escuta, pra poder falar de mim depois. Você me escuta com segundas intenções. Você me escuta pra me colocar aqui em cima. Pode falar de mim, eu não me importo. Porque só quando você falar de mim é que todo mundo vai sentar aí e ouvir, não é?

Não é? Então aproveita esse momento, e diz pro mundo que enquanto eu continuar morrendo na sua calçada, não vai ter poesia.

Pausa. Ela vai mudando o tom. De revolta e desespero vai assumindo uma energia de resignação e doação. Da energia de uma usuária de crack, do começo da peça, assume a energia da Medusa e do feminino estraçalhado pelas condições da rua. Pelas condições da sociedade.

Elza: Psiu. Vocês estão com fome? Vocês querem comer? Eu daria todo o meu leite pra vcs. Mas ...EMPEDROU.

Ela congela com a mão estendida. Como no começo da peça. Meninos vão cedendo ao peso, até que pousam o bueiro no chão, após a fala final.

Blecaute. Som da Tuba.

Dramaturgia
“Epidemia Prata”



Espetáculo
“Cena Ouro”



Webdoc –
processo criativo



Podcast
“Emoção Criativa”
(relatos dos artistas do território)



Quem somos?
Cia. Mungunzá de
Teatro e Teatro de
Contêiner Mungunzá

